

## DICIONÁRIOS DE LÍNGUA: ALÉM DO IDIOMA

Angela Marina Chaves Ferreira (UERJ)  
[angmarina@globo.com](mailto:angmarina@globo.com)

### 1. *Percursos da investigação*

Procuramos apresentar um viés de nossa investigação sobre o Dicionário da Língua Espanhola ou Dicionário da Real Academia Espanhola da Língua (DRAE). A partir do reconhecimento de que a Real Academia (RAE) se constrói como uma instituição normativa e prestigiosa, se estabelece que esta dita regras que direcionam os estudos sobre a língua espanhola no mundo hispânico. Pautados nesta premissa, analisamos os prólogos das vinte e duas edições do dicionário *usual* da RAE (DRAE), publicadas de 1780 a 2001, e as duas edições do Dicionário da Língua Castelhana ou Dicionário de *Autoridades* (DA), publicadas de 1726 a 1770, pela mesma instituição. Tivemos o propósito de identificar as vozes da RAE sobre a língua espanhola e sobre a própria instituição, contidas nos prefácios, principalmente. Também foi objeto de estudo identificar políticas linguísticas que emergem das vozes da Academia Espanhola e que se reconhecem em conceituações sobre língua.

Tivemos o intuito, desse modo, de resgatar e analisar as diversidades encontradas na elaboração dos textos introdutórios, as visões de língua explicitadas, além do papel da Academia Espanhola. Tais aspectos formam observados em sua relação com distintos momentos históricos, políticos e sociais, refletidos e registrados nas obras lexicográficas.

Neste recorte, entretanto, enfocaremos, principalmente, os prefácios do dicionário fundador da lexicografia da RAE, *Autoridades*, e algumas das primeiras edições do DRAE, dos séculos XVIII e XIX, tendo em conta que os últimos inauguram a série de *dicionários de uso*.

### 2. *Ótica de observação dos prólogos*

As páginas de abertura desses dicionários levam os títulos *prólogos*, *preâmbulos*, *advertencias*, ou, ainda, *al lector* e relatam os percursos de trabalho da Real Academia, informam sobre os espaços temporais em que se inserem as edições, justificam procedimentos, explicitam os objetivos do dicionário acadêmico e tecem percursos utilizados para *mostrar* a obra ao público.

Faz-se necessário justificar a escolha desses dicionários de língua e não outros quaisquer, que estão disponíveis em um mercado editorial reconhecidamente amplo. Para atingir tal objetivo, é preciso apresentar a trajetória da RAE no mundo hispânico e refletir sobre o organismo que avaliza tais obras lexicográficas. Em seguida, efetuamos a análise de trechos de prólogos de dois dos primeiros dicionários da Real Academia, publicados no século XVIII (1726 e 1780), por serem estes pioneiros da tradição lexicográfica acadêmica.

Nosso apoio está em propostas tomadas da Análise do Discurso (AD) francesa, de base enunciativa. Nosso foco de análise está centrado nas formas que a Academia Espanhola emprega nos prefácios para referir-se a si própria e à língua espanhola.

### 3. *A Real Academia e duas obras lexicográficas*

A Real Academia Espanhola da Língua é uma instituição que se estabelece no princípio do século XVIII, alicerçada e protegida pelo rei espanhol Felipe V, primeiro monarca da Espanha da dinastia francesa dos Bourbonn. Desde a sua instalação, em 1713, revela os princípios fundadores que estão na base das ações relacionadas à política linguística que norteia a Academia, determinada pelos *Estatutos* criadores. Uma dessas evidências se estabelece através de seu emblema, um crisol ao fogo, complementado pela legenda *Limpia, fija y da esplendor*. Isso implica o fato de a RAE nascer com o propósito determinado de fixar a língua, livrá-la de impurezas e dotá-la do esplendor que lhe é devido, segundo os informes contidos nas páginas iniciais do Dicionário da língua castelhana, publicado pela RAE em 1770 (Cf. *Diccionario de la Lengua Castellana*, Historia de la Academia, 1770, p. XIV). Para atingir essas metas em relação à língua a Real Academia deve, então, realizar um *dicionário copioso e exato* (Cf. *Diccionario de la Lengua Castellana*, Prólogo, 1726, p. 1).

Atentos às funções e ao prestígio da Academia Espanhola (CHAVES-FERREIRA, 2006, 2009-a, 2009-b) junto aos que têm alguma forma de relacionamento com a língua, sejam especialistas em estudos linguísticos ou leigos, procuramos oferecer um breve exame de alguns prólogos, um do DA (1ª edição, 1726) e cinco do DRAE (1ª edição, de 1780,

e quatro edições posteriores<sup>1</sup>). O exame dos prólogos estará apoiado em pressupostos sobre *categorias de pessoa*, discutidos por Benveniste (1995) e Fiorin (1996), além de critérios que envolvem a observação da seleção léxica.

#### 4. Observando os prefácios

A partir de estudos de apoio, se entende a *pessoa* em relação a *eu-tu*, construindo uma certa oposição com as formas de *terceira pessoa* (o *ele*). As *pessoas eu-tu*, neste sentido, se representam de modo distinto em relação ao *ele*. O *ele* pode ser uma multiplicidade de sujeitos, ou mesmo sujeito nenhum. Entretanto, o par *eu-tu* só podem intercambiar-se, assumindo ora um ora outro, a *subjetividade* - a característica do sujeito, do *eu*. Sob esta ótica, mudanças de categoria de primeira para terceira determinam que haja *neutralização* da terceira pessoa. Em tal movimento, o enunciador se esvazia de *subjetividade* (de *aproximação*) e se mostra através de seu *papel social*. Destaca-se que a expressão da *subjetividade* só tem relevância quando relacionada à 1ª pessoa. Assim, o *ele* faz parte do discurso enunciado por *eu*.

Prosseguindo na linha de reflexão proposta, se pode reconhecer que não existe *objetividade* (*distanciamento*) na linguagem. Verdadeiramente, existem *efeitos de sentido* produzidos pelo apagamento de marcas de enunciação no enunciado e por coerções com respeito a uma terminologia que incorpora aspectos de avaliação e de julgamento. Dessa forma, se vê a primeira pessoa como o lugar da *subjetividade* e a terceira, da *objetividade*. Ou seja, retomando Fiorin (1996), o emprego da terceira pessoa, em lugar de outras possíveis, implica que o papel social se potencialize e sejam desprezados papéis particulares. Assim, se objetiva o enunciado e a pessoa é esvaziada de suas funções precípua.

O exame dos prólogos leva em conta conjuntos de morfemas que expressam ou indicam a *pessoa*, os pronomes pessoais, os possessivos e as desinências verbais de número e pessoa.

As observações dos prefácios realizadas a seguir permitem identificar o perfil que a RAE constrói para si própria e que se revela através

---

<sup>1</sup> Faz-se necessário esclarecer que as quatro primeiras edições apresentam prólogos muito semelhantes entre si e a quinta, de 1817, traz mudanças com respeito às informações contidas no prefácio.

dos preâmbulos dos dicionários. A Academia Espanhola se nomeia como *Academia* (e suas variantes, *Real Academia Espanhola*, *Academia Espanhola*) e, ainda, *Constituição*, *Corpo literário*, *Corporação* ao longo das páginas dos preâmbulos das vinte e quatro edições dos dicionários (dois do DA e vinte e duas do DRAE), frequentemente emitindo juízos acerca de sua atuação, que podem comprovar-se nos fragmentos retirados dos primeiros dicionários da língua castelhana elaborados pela RAE.

Os fragmentos para análise estão organizados em blocos. O primeiro se destina a mostras da voz da Academia (A), enquanto que o segundo (B) apresenta visões sobre a língua espanhola.

### (A) Academia e aspectos de valoração

(1) **Habla** la Académia de las Etymologías con el **pulfo y moderación** que correponde al peligro de errar: (DA, Prólogo, 1726, grifos nossos)

(2) Como la **ACADEMIA trabaja siempre en dar al suyo** [diccionario] **toda la perfeccion y aumento que puede**, nunca **cesa** de recoger voces con que enriquecerle, aun de aquellas letras que se han publicado ya. (DRAE, Prólogo, 1780, grifos nossos)

(3) Si esta obra mereciese aceptacion, y llegase el caso de reimprimirla, se añadirán todos los aumentos y correcciones, que se hubieren hecho al tiempo de la reimpression. Entretanto **espera** la **ACADEMIA**, que el Público disimulará los defectos que encontrare en ella, en atencion al **zelo** con que **procura desempeñar** las obligaciones de **su** instituto, proponiéndose siempre por objeto en todas ellas la pública utilidad. (DRAE, 1780, grifos nossos)

Ao analisar os fragmentos (1, 2, 3), se constata que, no momento em que a RAE se atribui o papel de levar o dicionário à perfeição (2), buscando o esgotamento completo de suas tarefas, se está dotando um papel de destaque significativo quanto ao aprimoramento e enriquecimento da obra lexicográfica. Nos trechos reproduzidos aqui, se observa que a RAE faz referência a ela própria empregando a terceira pessoa do singular através do substantivo *ACADEMIA*. Este nome concorda com as formas verbais *habla*, *trabaja*, *puede*, *cesa*, *espera*, *procura* (1, 2, 3), além de estar em consonância com o determinante *su* [em *su instituto*, (3)]. É incluído, também, um termo de dupla função, o possessivo *suyo* (2), que remete tanto à RAE quanto ao dicionário. São identificados substantivos que atribuem valoração positiva à atuação da Real Academia, como *zelo*, que, por extensão, faz com que se considere a Academia *zelosa*, cuidadosa. Ocorre o mesmo com *pulso y moderación* (1), que aportam a ideia de que a RAE é enérgica e, ao mesmo tempo, equilibrada em sua ação.

Reconhecemos nos exemplos apresentados, a *neutralização* da terceira pessoa, já que *Academia* é, na verdade, primeira pessoa do singular. Entretanto, na escolha feita, o *eu* se apaga no seu “dizer” e nos prólogos destacados, as referências se organizam através da terceira pessoa do singular para remeter à RAE. Destaca-se, além disso, que essas preferências, determinam o *esvaziamento da subjetividade*. Organizado dessa maneira, o *prólogo* permite introduzir reflexões sobre os dicionários, produzindo um metadiscorso sobre a obra que descreve.

Detectamos, ainda, um *par interlocutivo* formado por RAE e pelos *instruídos* que têm acesso ao *conhecimento* compilado pelo dicionário. Nessa interlocução, a voz da RAE também se apaga através do artifício do emprego de uma terceira pessoa, buscando apresentar um texto *neutro* (ou que se pretende tenha essa característica propriamente científica).

(4) la autoridad de nuestros mejores escritores ó el uso comun de **las personas cultas**. (DRAE, 1817, grifos nossos)

O exemplo (4), um entre vários que recolhemos ao longo da pesquisa, estabelece relações entre o dicionário e o público a que se destina. Destaque-se que este público não é formado pelo homem comum, mas por um grupo de letrados que podem acessar as informações trazidas pelo dicionário.

#### (B) A língua sob aspectos de valor e de uso

Complementando a reflexão sobre como a Real Academia constrói seu papel em relação à língua espanhola, destacamos visões sobre a língua apresentadas nos prefácios.

(5) fe han puefto los Autóres que ha parecido à la Académia han tratado la Léngua Elpañóla con la mayor **propiedad y elegância**: (DA, 1726, grifos nossos)

(6) Poder, grandeza, vivacidad (DA, 1726)

(7) la severidad que aconseja la conservación de la **pureza de la lengua** (...)

la autoridad de nuestros mejores escritores ó el **uso comun** de las personas cultas (DRAE, 1817, grifos nossos)

As amostras (5) e (7) contêm termos relacionados a uma valorização relacionada ao *uso*, mantendo-se em acordo com o par interlocutivo, identificado anteriormente como *Academia* e *instruídos*. São incorporadas ao dicionário as abonações tomadas de autores que tratam da língua de forma apropriada, elegante, própria do uso dos cultos. Detecta-se, em

um momento que pode ser considerado ainda *pré-científico*, referente aos séculos XVIII e XIX, que as concepções se incluem de forma mais “ingênuas” e apresentam conceitos nitidamente valorativos: beleza, pureza, poder, elegância, grandeza (7,6) - centrados na palavra em si. Tal momento, que se inicia no século XVIII, resgata propostas renascentistas de fixação da língua através de instrumentos linguísticos *ad hoc*, que nessa investigação, são os dicionários. Assim, no século XVIII, marcado pela ordem e pela razão do Iluminismo e do Racionalismo, os conceitos se presentificam dessa forma e alcançam o século XIX, após o estabelecimento de métodos mais nitidamente científicos.

### 5. Considerações finais

Os resultados da investigação realizada apontam para conceitos de *língua* em consonância com as correntes de pensamento, com os movimentos intelectuais e com políticas linguísticas específicas. Reconhece-se uma permanência em relação às políticas da Real Academia, vigente desde o século XVIII e que adota perfis matizados, suavizados nos seus discursos, mas que visam, ao fim, a permanência do *status quo*. É possível constatar que a RAE incorpora a propalada diversidade da língua, que se faz presente em discursos do fim do século XX, estendendo-se pelo XXI, para manter a pretendida unidade do espanhol. Esta é, na verdade, uma forma de seguir controlando a língua. Para isso, assume uma norma padronizada inclusive para as individualidades, para as diversidades reconhecidas e reconhecíveis nos vários países que compõem o mundo hispânico. Também com o mesmo objetivo centralizador, é mantido um par interlocutivo com perfil voltado aos *instruídos*, produzindo um espelhamento, no qual a Real Academia se reflete em um público que reflete/está em consonância com a própria instituição. Sob esta ótica, a unidade “pode ser mantida” através da instrução veiculada pelos instrumentos de gramatização realizados pela instituição espanhola especificamente para tal fim – o dicionário e a gramática.

Em última forma, o pan-hispanismo é uma política proveniente da própria Era da Informação e atende à necessidade da RAE de manter um papel de poder e de normatização em relação à língua.

Para atingir esses propósitos discursivamente, a Academia busca empregar marcas que indicam/identificam as *categorias de pessoa*, sendo que a utilização mais frequente da terceira pessoa em lugar da primeira (do *eu*) nos prólogos, além de provocar efeito de *apagamento* da *subjeti-*

vidade por se mostrar a partir de um lugar aparentemente *afastado* (o *papel social*), funciona como uma estratégia da RAE. Empregar tal estratégia visa a assinalar sua posição de autoridade enquanto instituição que regulamenta e norteia as questões que dizem respeito à língua espanhola.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Néri: revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum, 4. ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1995.

CHAVES-FERREIRA, A. M. A Real Academia Espanhola nos prólogos de seus dicionários: imagens de si e do outro. In: *Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas [e] I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas*, Sara Rojo et al. (Orgs.). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009-a, CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Discursos e metadiscursos nos dicionários da Real Academia Espanhola: continuidades descontinuidades*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas)- UFRJ, Rio de Janeiro, 2009-b.

\_\_\_\_\_. Dicionários da Real Academia Espanhola da Língua: aspectos de subjetividade. In: *Cadernos Neolatinos*, ano V, nº 5, 1º Simpósio Neolatinas Internacional de Letras Neolatinas: “Entre moínhos e livros: aúdas e impasses da modernidade”, UFRJ, 2006.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua castellana*. Madrid, 6 vol: 1726, 1729, 1732, 1734, 1737, 1739.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de la lengua castellana*. 2 impr. corr. y aum. Madrid, 1770.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de la lengua castellana*, reducido a un único tomo para su más fácil uso. 1. ed. Madrid, 1780.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de la lengua castellana*. 2. ed. Madrid, 1783.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de la lengua castellana*. 3. ed. Madrid, 1791.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de la lengua castellana*. 4. ed. Madrid, 1803.

\_\_\_\_\_. *Diccionario de la lengua castellana*. 5. ed. Madrid, 1817.